

Por mais dolorosa que seja, a verdade deve vir à tona a qualquer custo.

# HARLAN COBEN



a toda  
prova

Uma história de **MICKEY BOLITAR**



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para os caras do Dormitório A*

Brad Bradbeer

Curk Burgess

Jon Carlson

Larry Vitale

*Quatro homens que moraram comigo.*

*E sobreviveram.*

# capítulo 1

**OITO MESES ATRÁS, VI BAIXAREM** o caixão do meu pai na sepultura. Hoje estava olhando enquanto ele era desenterrado.

Meu tio Myron me acompanhava. Lágrimas escorriam pelo rosto dele. Seu irmão estava naquele caixão – não, risque isso; seu irmão *supostamente* estava naquele caixão –, um irmão que *supostamente* havia morrido oito meses antes, mas que Myron não tinha visto nos últimos vinte anos.

Estávamos no cemitério B'nai Jeshurun, em Los Angeles. Ainda não eram seis da manhã, o sol apenas começava a nascer. Por que estávamos ali tão cedo? As autoridades tinham explicado que a exumação de um corpo incomoda as pessoas. É preciso fazer o serviço num momento de privacidade máxima. Portanto, restava o meio da noite – ahn, não, obrigado – ou o início da manhã.

Tio Myron fungou e enxugou os olhos. Parecia estar com vontade de passar o braço em volta de mim, por isso me desloquei um pouquinho mais para longe. Olhei para a terra. Oito meses antes, o mundo guardava uma promessa enorme. Depois de uma vida inteira viajando pelo estrangeiro, meus pais tinham decidido se estabelecer de novo nos Estados Unidos. Assim, no segundo ano do ensino médio, eu finalmente teria raízes e amigos de verdade.

Tudo mudou em um instante. Foi uma coisa que aprendi do modo mais difícil. O mundo da gente não desmorona pouco a pouco. Não se desfaz gradualmente nem se parte em pedacinhos. Pode ser destruído num estalar de dedos.

Mas o que aconteceu?

Um acidente de carro.

Meu pai morreu, minha mãe ficou arruinada e, no fim, fui obrigado a morar em Nova Jersey com meu tio, Myron Bolitar. Oito meses antes, minha mãe e eu tínhamos vindo a este mesmo cemitério para enterrar o

homem que amávamos mais que qualquer outro. Recitamos as orações adequadas. Observamos o caixão descendo. Até joguei terra na sepultura do meu pai.

Foi o pior momento da minha vida.

– Para trás, por favor.

Era um dos trabalhadores do cemitério. Como é que chamam a pessoa que trabalha num cemitério? *Zelador* parecia muito ameno. *Coveiro* parecia arrepiante demais. Tinham usado uma escavadeira mecânica para tirar a maior parte da terra. Agora, os dois caras de macacão – vamos chamar de zeladores – terminavam de cavar com as pás.

Tio Myron enxugou as lágrimas do rosto.

– Você está bem, Mickey?

Confirmei com a cabeça. Não era eu que estava chorando. Era ele.

Um homem de gravata-borboleta franziu a testa e fez anotações em sua prancheta. Os dois zeladores pararam de cavar e jogaram as pás para fora do buraco, que bateram com um *clanc*.

– Pronto! – gritou um deles. – Estamos prendendo.

Começaram a enfiar cintas de náilon por baixo do caixão. Isso demorou um pouco. Dava para ouvir os grunhidos de esforço deles. Quando acabaram, os dois pularam do buraco e menearam a cabeça para o operador do guindaste, que assentiu e puxou uma alavanca.

O caixão do meu pai saiu da terra.

Não tinha sido fácil conseguir essa exumação. Existe uma enorme quantidade de regras, regulamentos e procedimentos. Não sei de verdade como o tio Myron conseguiu. Ele tem um amigo poderoso, eu sei, que facilitou as coisas. Acho que a mãe da minha melhor amiga, Ema – Angelica Wyatt, a estrela de Hollywood –, talvez também tenha usado sua influência. Imagino que os detalhes não sejam relevantes. O importante era que eu ficaria sabendo a verdade.

Provavelmente você quer saber por que estamos desenterrando o meu pai.

Isso é fácil. Eu precisava ter certeza de que papai estava ali.

Não, não creio que tenha havido um erro burocrático e que ele tenha sido posto no caixão errado ou sepultado na cova em que não deveria. E, não, não acho que meu pai seja um vampiro, um fantasma ou qualquer coisa assim.

Suspeito – eu sei que não faz nenhum sentido – que meu pai ainda possa estar vivo.

No meu caso, isso não faz sentido porque eu estava no carro no momento da batida. Eu o vi morrer. Vi o paramédico balançar a cabeça e empurrar a maca com o corpo frouxo dele.

Claro, eu também tinha visto esse mesmo paramédico tentar me matar alguns dias atrás.

– Firme, firme.

O guindaste começou a girar para a esquerda.

Ele baixou o caixão do meu pai na traseira de uma picape. O esquife era de pinho, simples, bem como meu pai deve ter insistido para ser. Nada chique. Ele não era religioso, mas adorava a tradição.

Assim que o caixão pousou com uma leve pancada, o operador do guindaste desligou o motor, desceu da máquina e foi rapidamente até o homem de gravata-borboleta. O operador sussurrou alguma coisa no ouvido do sujeito, que o encarou, carrancudo. O operário deu de ombros e se afastou.

– O que você acha que foi aquilo? – perguntei.

– Não faço ideia – respondeu tio Myron.

Engoli em seco enquanto íamos em direção à traseira da picape. Myron e eu paramos exatamente ao mesmo tempo, o que foi meio estranho. Se o nome “Myron Bolitar” lhe diz alguma coisa, pode ser porque você é fã de basquete. Antes de eu nascer, Myron foi um astro na Universidade Duke, sendo depois escolhido pelos Boston Celtics na primeira seleção para a NBA. Na primeira partida de pré-temporada – a primeira vez que ele usou o uniforme verde dos Celtics –, um jogador do outro time, chamado Burt Wesson, trombou no Myron, torcendo seu joelho e encerrando sua carreira antes que ela começasse. Como também sou jogador de basquete e pretendo superar meu tio, frequentemente me pergunto como deve ter sido carregar todas as esperanças na ponta dos dedos, vestindo aquela roupa que você sempre sonhou, e então, *puf*, tudo some num encontrão.

Mas, quando olhei o caixão, achei que eu talvez já soubesse.

Como disse antes, o mundo da gente pode mudar num instante.

Tio Myron e eu paramos na frente do caixão e baixamos a cabeça. Ele me olhou de esguelha; claro que não acreditava que meu pai ainda

estivesse vivo. Tinha concordado em fazer aquilo porque eu havia pedido – na verdade, implorado – e ele estava tentando “criar um vínculo” comigo.

O caixão de pinho parecia meio podre, frágil, como se pudesse se desfazer se simplesmente olhássemos para ele com mais intensidade. A resposta estava pertinho, na minha frente. Ou meu pai estava ali ou não estava. Muito simples, quando se coloca desse jeito.

Me aproximei, esperando sentir alguma coisa. Meu pai deveria estar naquele caixão. Eu não... não sei... *deveria* sentir alguma coisa, se fosse esse o caso? Não deveria haver uma mão fria na minha nuca ou um arrepio descendo pela espinha?

Não senti nem uma coisa nem outra.

Portanto, talvez meu pai não estivesse ali.

Pousei a mão na tampa do caixão.

– O que você acha que está fazendo?

Era o cara da gravata-borboleta. Ele tinha se apresentado a nós como inspetor de saúde ambiental, mas eu não sabia o que isso queria dizer.

– Eu só estava...

Gravata-Borboleta ficou entre mim e o caixão do meu pai.

– Eu lhe expliquei o protocolo, não foi?

– Bom, explicou, quero dizer...

– Por motivos de segurança pública e respeito, nenhum caixão pode ser aberto aqui. – Ele falou como se estivesse lendo um trecho de livro didático. – Este veículo do condado levará o caixão do seu pai ao departamento de medicina-legal, onde ele será aberto por um profissional capacitado. Este é o meu trabalho aqui: garantir que abrimos a sepultura correta, garantir que o caixão combina com os registros públicos da pessoa a ser exumada, garantir que todas as medidas de saúde tenham sido tomadas e, finalmente, garantir que o transporte aconteça sem pressa e com o devido respeito. Portanto, se não se importa...

Olhei para Myron. Ele assentiu. Lentamente, ergui a mão do pinho úmido e sujo. Dei um passo atrás.

– Obrigado – agradeceu Gravata-Borboleta.

O operador do guindaste estava sussurrando com um zelador, que ficou pálido. Não gostei daquilo. Não gostei nem um pouco.

– Alguma coisa errada? – perguntei a Gravata-Borboleta.

– Como assim?

– Quero dizer, por que todos esses sussurros?

Gravata-Borboleta começou a examinar sua prancheta como se ela tivesse alguma resposta especial.

– E então? – indagou tio Myron.

– Não tenho mais nada a informar no momento.

– Como assim?

Com o rosto ainda branco, o zelador começou a prender o caixão com cintas de náilon.

– O caixão estará no departamento de medicina-legal – respondeu Gravata-Borboleta. – É só isso que posso dizer no momento.

Ele foi até a cabine da picape e sentou-se no banco do carona. O motorista deu a partida. Corri até a janela dele.

– Quando? – perguntei.

– Quando o quê?

– Quando o perito vai abrir o caixão?

Ele verificou a prancheta outra vez, mesmo dando a impressão de que já sabia a resposta.

– Agora – respondeu.

## capítulo 2

**ESTÁVAMOS NO DEPARTAMENTO DE** medicina-legal, esperando a abertura do caixão, quando meu celular tocou.

Eu estava prestes a ignorar a chamada. Faltava pouco para a resposta à pergunta-chave da minha vida: meu pai estava morto ou vivo?

Uma ligação podia esperar, certo?

Mas, afinal de contas, eu só estava aguardando o tempo passar. Talvez um telefonema servisse de distração. Verifiquei rapidamente o identificador de chamadas e vi que era Ema. O nome verdadeiro de Ema é Emily, mas ela se veste toda de preto e tem um bocado de tatuagens,

logo uns caras consideraram que ela era “emo” e alguém, inteligentemente (estou sendo sarcástico), apelidou-a de Ema.

E o nome pegou.

Meu primeiro pensamento: Ah, não, aconteceu alguma coisa com o Colherada!

Tio Myron se inclinou por cima do meu ombro e apontou para a tela do celular.

– É a filha de Angelica Wyatt?

Franzi a testa. Como se isso fosse da conta dele.

– É.

– Vocês dois ficaram bem próximos.

Franzi a testa mais um pouco. Como se isso fosse da conta dele.

– É.

Eu não sabia bem o que fazer. Poderia me afastar do meu tio intrometido e atender. Myron podia ser bastante sem noção, mas até ele captaria a mensagem. Levantei o telefone e perguntei:

– Ah, você se incomoda?

– O quê? Ah, certo. Claro. Desculpe.

– Oi – atendi.

– Oi.

Já falei que Ema era minha melhor amiga. Nós só nos conhecíamos havia algumas semanas, mas vinham sendo semanas perigosas e malucas, semanas que afirmam e ameaçam a vida. As pessoas podem ser amigas a vida inteira e não chegar perto de ter a ligação que se formou entre nós.

– Alguma notícia do... ahn...? – Ema não sabia como terminar a frase. Nem eu.

– Pode chegar a qualquer momento. Estou no departamento de medicina-legal.

– Ah, desculpe. Não devia ter incomodado você.

Havia alguma coisa no tom de voz dela que não me agradou. Senti o coração subir à boca.

– Qual é o problema? É o Colherada?

Colherada era o meu segundo melhor amigo, acho. Na última vez que o vi, ele estava deitado numa cama de hospital. Tinha levado um tiro, salvando a vida de nós dois, e agora era possível que nunca mais an-

dasse. Eu bloqueava esse pensamento horrível o tempo todo. Também o remoía o tempo todo.

– Não – respondeu ela.

– Você soube de alguma novidade?

– Não. Os pais dele também não me deixam visitá-lo.

Os pais do Colherada tinham me proibido de entrar no quarto dele. Me culpavam pelo que acontecera. Mas eu também me culpava.

– Então qual é o problema?

– Olha, eu não deveria ter ligado. Não é nada de mais. Sério.

Isso só me deu certeza de que era algo de mais. Sério.

Já ia insistir que ela me contasse o motivo do telefonema, mas Gravata-Borboleta voltou para a sala.

– Preciso desligar. Ligo assim que puder.

Myron e eu nos aproximamos de Gravata-Borboleta. Ele estava de cabeça baixa, tomando notas.

– E então? – indagou Myron.

– Devemos ter os resultados daqui a pouco.

Percebi que eu estava prendendo o fôlego. Soltei o ar, depois perguntei:

– Por que aqueles sussurros todos?

– Perdão?

– No cemitério. Os caras que cavaram e o operador do guindaste.

– Ah. Aquilo.

Esperei.

Gravata-Borboleta pigarreou.

– Os zeladores – “Ah, é assim que eles são chamados”, pensei – notaram que o caixão parecia meio... – Ele olhou para o nada, pensativo, como se procurasse a próxima palavra.

Depois de três segundos que pareceram uma hora, questionei:

– Parecia o quê?

– Parecia leve. Mas eles estavam errados.

Isso não fez sentido.

– Como assim?

Ele levantou a prancheta, como se ela pudesse protegê-lo contra um ataque.

– É só isso que posso dizer até que tenha a papelada necessária.

– Que papelada necessária?

– Preciso ir agora.

– Mas...

A porta atrás de mim se abriu. Uma mulher de terninho entrou na sala. Nós nos viramos lentamente e a encaramos.

– A perícia terminou.

– E?

A mulher olhou à esquerda e depois à direita, como se alguém pudesse estar bisbilhotando.

– Por favor, sigam-me. A legista está pronta para falar com vocês.

## capítulo 3

– **O**BRIGADA PELA PACIÊNCIA. Sou a Dra. Botnick.

Eu esperava que a legista fosse uma mulher monstruosa, arrepiante ou algo assim. Pense bem. Os legistas lidam com gente morta o dia todo. Cortam os defuntos e tentam descobrir o que os matou.

Mas a Dra. Botnick era miúda, com um sorriso inadequadamente feliz e o tipo de cabelo ruivo que beira o laranja. Sua sala tinha sido despida de qualquer tipo de personalidade. Não existia nada pessoal, nem fotos de família, por exemplo, mas, afinal de contas, numa sala cheia de morte, será que as pessoas gostariam de olhar imagens dos entes queridos? Sobre a mesa, havia um *desk pad* de couro marrom, um escaninho de mesa vazio na mesma cor, um suporte de lembretes, um porta-lápis com uma caneta e dois lápis, um abridor de cartas. As paredes tinham diplomas e nada mais.

Ela continuou sorrindo para nós. Olhei para Myron, que parecia perdido.

– Sinto muito – disse a Dra. Botnick. – Não sou muito boa com pessoas. Nenhum dos meus pacientes reclama. – Ela começou a rir. Ficamos impassíveis. Ela pigarreou.

– Sacaram?

– Saquei – respondi.

– Porque meus pacientes, bom, estão mortos.  
– Saquei – repeti.  
– É inadequado, certo? Foi mal. Querem saber a verdade? Estou meio nervosa. Esta é uma situação incomum.

Senti a pulsação acelerar. A Dra. Botnick encarou Myron.

– Quem é o senhor?  
– Myron Bolitar.  
– Então deve ser irmão de Brad Bolitar?  
– Sou.

O olhar dela encontrou o meu.

– E você deve ser o filho dele, não é?  
– Isso mesmo.

Ela anotou alguma coisa num pedaço de papel.

– Poderiam me dizer a causa da morte dele?  
– Acidente de carro – respondi.  
– Sei. – Ela anotou outra coisa. – Em geral, quando as pessoas pedem a exumação de um corpo, é porque desejam enterrá-lo em outro lugar. Não é este o caso, é?

Myron e eu dissemos que não.

– Onde está Kitty Hammer Bolitar? – perguntou a Dra. Botnick.

Kitty Hammer Bolitar era minha mãe.

– Não está aqui – falou Myron.  
– Bom, dá para ver. Onde ela está?  
– Está indisposta – explicou Myron.

A Dra. Botnick franziu a testa.

– Tipo, no banheiro?  
– Não.  
– Kitty Hammer Bolitar está citada como esposa, portanto é o parente mais próximo – continuou a Dra. Botnick. – Onde ela está? Ela deveria participar disto.

Finalmente eu revelei:

– Ela está num centro de reabilitação para drogados em Nova Jersey. De novo a doutora me encarou. Vi gentileza nos olhos dela e talvez um pouquinho de pena.  
– Houve uma tenista famosa chamada Kitty Hammer. Eu a vi no US Open quando ela tinha apenas 15 anos.

Senti um peso no peito, como uma pedra.

– Isso não é relevante – retrucou Myron rispivamente.

É, era a minha mãe. Num determinado ponto, Kitty teve a chance de ser uma das maiores tenistas de todos os tempos, no nível de Billie Jean King e das irmãs Williams. Então aconteceu uma coisa que acabou com sua carreira: ela engravidou.

De mim.

– Está certo – concordou a Dra. Botnick. – Desculpe.

– Olhe, o corpo dele está ali ou não? – questionou tio Myron.

Observei o rosto dela à procura de algum tipo de sinal, mas não havia nada. A Dra. Botnick seria uma ótima jogadora de pôquer. Ela voltou a atenção para mim.

– É para isso que vocês estão aqui?

– É.

– Para descobrir se seu pai está no caixão, certo?

Confirmei outra vez.

– Por que você acha que o seu pai não está ali?

Como eu poderia explicar?

A Dra. Botnick me olhou como se realmente quisesse ajudar. Mas mesmo na minha cabeça a história parecia insana. Eu não poderia contar a ela sobre a Dona Morcega, que poderia ser Lizzy Sobek, a heroína do Holocausto que todo mundo achava que tinha morrido na Segunda Guerra Mundial. Não poderia contar sobre o Abrigo Abeona, a sociedade secreta que resgatava crianças, e sobre como Ema, Colherada, Rachel e eu tínhamos arriscado a vida a serviço dele. Não podia contar sobre aquele paramédico arrepiante, de cabelo cor de areia e olhos verdes, que levou meu pai e, oito meses depois, tentou me matar.

Quem acreditaria nesse papo maluco?

Tio Myron viu que eu estava me remexendo na cadeira.

– Os motivos são confidenciais – respondeu, tentando me salvar. – Poderia, por favor, simplesmente dizer o que encontrou no caixão?

A Dra. Botnick começou a morder a ponta da caneta. Nós esperamos.

Myron insistiu:

– Meu irmão está no caixão? Sim ou não?

Ela pousou a caneta na mesa e ficou de pé.

– Venham comigo e vejam com seus próprios olhos.

# capítulo 4

## SEGUIMOS PELO CORREDOR COMPRIDO.

A Dra. Botnick mostrou o caminho. O corredor parecia se estreitar à medida que andávamos, como se as paredes ladrilhadas se fechassem. Eu já estava quase sendo forçado a andar atrás do Myron, em fila, quando a legista parou na frente de uma vidraça.

– Esperem aqui, por favor. – A Dra. Botnick abriu a porta ao lado e pôs a cabeça para dentro. – Pronto?

– Me dê dois segundos – respondeu uma voz.

A Dra. Botnick fechou a porta. A vidraça era grossa. Arames se entrecruzavam no vidro, formando losangos. Havia uma cortina bloqueando a visão.

– Estão preparados? – perguntou a Dra. Botnick.

Eu tremia. Assenti e Myron disse que sim.

A cortina se levantou devagar, como num teatro. Quando estava totalmente erguida – quando pude ver claramente dentro da sala –, tive uma sensação estranha, como se houvessem encostado conchas do mar nos meus ouvidos. Por um momento, ninguém se mexeu. Ninguém falou. Só ficamos parados.

– Que diabo...? – começõu a perguntar tio Myron.

À nossa frente, estava uma maca. E, em cima dela, uma urna prateada.

A Dra. Botnick pôs a mão no meu ombro.

– O seu pai foi cremado. As cinzas dele foram postas naquela urna e enterradas. Isso não é costumeiro, mas também não é incomum.

Balancei a cabeça.

– Está dizendo que só havia cinzas no caixão? – indagou Myron.

– É.

– DNA – intervim.

– Perdão?

– Vocês podem fazer um teste de DNA com as cinzas?

– Não entendo. Por que eu faria isso?

– Para confirmar que são do meu pai.

– Para confirmar...? Essa tecnologia não existe, sinto muito.

Encarei Myron. Havia lágrimas nos meus olhos.

– Você não vê?

– O quê?

– Ele está vivo.

Myron empalideceu. De rabo de olho, pude ver Gravata-Borboleta se aproximando.

– Mickey... – começou Myron.

– Alguém está encobrindo as pistas. Nós não iríamos cremar o meu pai.

– Infelizmente isso não é verdade – replicou Gravata-Borboleta, estendendo um papel para nós.

– O que é isso?

– A autorização para que o corpo de Brad Bolitar fosse cremado segundo as exigências legais do estado da Califórnia. Está tudo no documento, inclusive a assinatura do parente mais próximo, com reconhecimento de firma.

Myron esticou a mão para pegar o papel, mas eu fui mais rápido. Perscrutei o documento e fitei a parte de baixo.

Tinha sido assinado pela minha mãe.

Eu podia sentir Myron lendo por cima do meu ombro.

Kitty Hammer Bolitar dera muitos autógrafos em seu tempo de tenista. Sua assinatura era bem característica, com o *K* gigante e a curva no lado direito do *H*. Aquela tinha as duas coisas.

– É uma falsificação! – gritei, apesar de não parecer nem um pouco.  
– Só pode ser falsa.

Todos me encararam como se um braço tivesse brotado de repente no meio da minha testa.

– A firma foi reconhecida – retrucou Gravata-Borboleta. – Isso significa que uma pessoa independente testemunhou e confirmou que sua mãe assinou o documento.

– Vocês não entendem...

Gravata-Borboleta pegou o papel de volta.

– Sinto muito. Não há mais nada que possamos fazer por vocês.

# capítulo 5

## **B**ECO SEM SAÍDA.

Estávamos sentados no aeroporto, esperando para embarcar no voo para casa. Tio Myron franziu a testa, concentrando-se um pouco além da conta na tela do smartphone.

– Mickey?

Olhei para ele.

– Não acha que é hora de me contar o que está acontecendo?

Era. Tio Myron merecia saber. Ele havia cobrado favores e se colocado na reta. De certa forma, tinha merecido minha confiança. Mas existiam outras coisas a considerar. Primeiro, eu fora alertado mais de uma vez pelo pessoal do Abrigo Abeona a *não* contar ao Myron. Não podia simplesmente ignorar esse conselho.

Segundo – e isso estava sempre acima de tudo –, eu ainda culpava Myron pelo que tinha acontecido com meus pais. Quando Kitty engravidou de mim, Myron reagiu mal à notícia, pois não confiava nela. Meu tio e Brad brigaram por causa disso. Meus pais acabaram indo morar no exterior e só voltaram anos mais tarde, e então... meu pai estava “talvez morto” e minha mãe, trancada num centro de reabilitação.

Tio Myron esperou minha resposta. Eu estava imaginando como dizer não quando me lembrei de que ainda precisava ligar para Ema. Ergui o celular e falei “Preciso atender” apesar de o telefone nem ter tocado.

Saí de perto do portão e telefonei para Ema. Ela atendeu imediatamente.

– E aí? – perguntou ela.

– E aí nada.

– Ahn? Achei que eles iam abrir o caixão.

– Iam. Quero dizer, abriram.

Expliquei sobre a cremação. Ema me ouviu sem interromper, como sempre. Ela era uma daquelas pessoas que escutavam com toda a atenção. Concentrava-se no rosto da gente. Os olhos não saltavam para todo canto. Não balançava a cabeça em momentos inadequados. Mesmo agora, quando só estava ao telefone comigo, dava para sentir a concentração dela.

– E você tem certeza de que a assinatura é dela?

– Parece que é.

– Mas poderia ser falsificada.

– Duvido. Quero dizer, um tabelião testemunhou, ou sei lá o quê. Mas poderia ser...

– O quê?

– Depois que o meu pai morreu, bom, foi aí que ela desmoronou.

– Ela começou a se drogar?

– É – respondi, revivendo tudo naquele momento. – Na verdade, mamãe ficou tão desligada... não sei como ela poderia tomar uma decisão assim.

– E agora?

– Vou para casa. Tenho treino de basquete.

Sei o que você está pensando. Quem se importa com o treino de basquete numa hora assim? Resposta: eu. Sei que parece bizarro. Mas até mesmo agora – ou talvez especialmente agora – eu precisava voltar à quadra. Precisava que o basquete fosse uma prioridade. Era o lugar onde eu me dava bem, minha válvula de escape; apesar de qualquer coisa, eu ansiava por aquilo.

– Alguma novidade sobre a situação do Colherada? – indaguei.

– Não.

– E sobre a Rachel?

Silêncio.

Esperei. Perguntar pela Rachel poderia ter sido um erro, não sei. Rachel fazia parte do nosso grupo, mesmo sendo bastante popular e provavelmente a garota mais gata da escola, ou seja, mesmo parecendo não ter nada em comum com a gente.

– Rachel está bem – disse Ema, a voz dura como uma porta batendo com força. – Está se virando, acho.

Eu precisava falar com Rachel quando voltasse. Tinha jogado uma bomba enorme em cima dela, que mudara sua vida, e depois viajara para Los Angeles. Precisava remediar isso.

– Então por que você ligou antes?

– Isso pode esperar até você chegar em casa.

– Fale comigo, Ema. Preciso me distrair.

Ela respirou fundo. Eu podia vê-la agora, sentada sozinha naquela mansão enorme com o portão trancado.

– Por que nós? – perguntou.

Eu sabia o que ela queria dizer. Nada tinha sido por acaso. Um grupo secreto chamado Abrigo Abeona havia recrutado a gente – Ema, Colherada, Rachel e eu – para ajudá-lo a resgatar crianças e adolescentes. Isso nunca foi dito às claras. Ninguém se candidatou para o serviço e eles não tinham vindo atrás da gente. A coisa simplesmente... aconteceu.

– Eu me pergunto isso todo dia.

– E...?

– Não sei.

– Tem que haver um motivo. Primeiro Ashley, depois Rachel e agora...

– Agora o quê?

– Tem mais alguém sumido.

Apertei o telefone com força.

– Quem?

– Você não o conhece.

Eu achava que conhecia todo mundo que Ema conhecia. Um pensamento idiota. Talvez porque ela sempre bancasse com perfeição a “grande rejeitada e solitária”. Os outros alunos zombavam do seu peso e das roupas pretas. Ema sempre ficava sozinha no refeitório na hora do almoço. Tinha se apropriado do estilo carrancudo e o elevado a uma forma de arte.

– Mas você conhece? – perguntei.

– Conheço.

– Quem é?

– Ele é... bom, é tipo meu namorado.

## capítulo 6

**C**ARA, EU NÃO ESPERAVA essa resposta.

Como eu podia não saber que Ema tinha um namorado? Como ela conseguia esconder esse tipo de coisa de mim? Quero dizer, não entenda mal. Achei fantástico. Ema era incrível. Ela merecia ter alguém.

Então por que eu estava chateado?

Porque a gente falava tudo um para o outro, não era? Agora eu não tinha tanta certeza. *Eu* contava tudo a ela, mas talvez essa fosse uma via de mão única. Sem dúvida Ema não havia sido igualmente franca.

Como ela não contou que tinha uma droga de namorado?

Mas, afinal de contas, eu havia revelado que talvez existisse alguma coisa a mais entre mim e Rachel?

Não.

Por quê? Se Ema era só minha amiga – se o fato de ela ser mulher não importava –, por que não falar sobre a Rachel?

– Você está bem? – perguntou tio Myron.

Agora estávamos no avião, espremidos na última fileira. Nós dois éramos altos e o espaço para as pernas na classe econômica é projetado para alguém cerca de 60 centímetros menor.

– Estou.

– E agora?

– Agora o quê?

– Você me pediu ajuda para conseguir a exumação do seu pai, certo?

– Certo.

Tio Myron tentou dar de ombros, mas a poltrona era pequena demais para isso.

– E agora que fizemos isso, qual é o seu próximo passo?

Eu tinha me perguntado a mesma coisa, claro.

– Ainda não sei.



Assim que pousamos, telefonei para Ema. Ela não atendeu. Tentei o celular de Rachel. Não houve resposta. Mandeí um torpedo para as duas dizendo que tinha voltado para Nova Jersey. Liguei de novo para o hospital, tentando falar com o quarto do Colherada, mas a telefonista não passou a ligação.

– Não é permitido ligar para esse quarto – explicou ela.

Não gostei nem um pouco disso.

Tínhamos pousado na hora certa, o que significava que eu ainda podia ir ao treino de basquete. Eu havia perdido a atividade nos últimos

dias por causa da viagem. Logo, estava atrasado com relação ao time e isso me preocupava um pouco. Na verdade, eu não tinha treinado com o time principal e sabia que ficaria muito para trás.

A Kasselton High, minha nova escola, tinha um time principal e um juvenil. O primeiro era para os alunos dos dois últimos anos. Os calouros e o pessoal do segundo ano jogavam no juvenil, e até agora, nos doze anos do treinador Grady com os Camels de Kasselton, ele nunca havia posto um iniciante na equipe principal.

Atenção, alerta de falsa modéstia: eu, um mero estudante do segundo ano, fui convidado para tentar entrar no time principal.

Mal podia esperar para chegar à quadra, mas enquanto tio Myron diminuía a velocidade para parar o carro na frente da escola, senti um nó de nervosismo no estômago. Myron deve ter percebido.

– Está nervoso?

– O quê, eu? – Balancei a cabeça com firmeza. – Não.

Tio Myron pôs a mão no meu ombro.

– Você pode demorar um tempo para esquentar as turbinas depois de um voo longo, mas quando estiver na quadra com a bola na mão...

– Certo, obrigado – interrompi-o, sem querer escutar.

Não era a preocupação com meu desempenho que provocava o nervosismo.

Eram meus colegas de time. Resumindo: todos me odiavam.

Nenhum dos seniores gostava da ideia de um cara do segundo ano estragar a festa deles.

Dava para ouvir risos no vestiário, mas, assim que empurrei a porta, tudo se silenciou, como se alguém tivesse apertado um interruptor. Troy Taylor, o capitão sênior, me olhou irritado. Para dizer o mínimo, Troy e eu tínhamos questões não resolvidas. Desviei o olhar e abri um armário.

– Aí, não – disse Troy.

– O quê?

– Essa fileira é da elite.

Todos os outros estavam naquela fileira. Olhei os outros caras. Alguns estavam de cabeça baixa, amarrando os tênis com um zelo exagerado. Alguns me encaravam com hostilidade. Procurei Buck, que era o melhor amigo do Troy e um baita sacana, mas ele não estava ali.

Esperei que alguém me defendesse ou, pelo menos, comentasse algo.

Nada aconteceu. Troy deu um risinho e fez um gesto com a mão, como se me enxotasse. Meu rosto ficou vermelho, sem graça. Imaginei o que deveria fazer, se lutar ou recuar.

Não valia a pena, decidi.

Eu odiava satisfazer Troy, mas me lembrei de uma coisa que meu pai dizia: não vença a batalha e perca a guerra.

Peguei minhas coisas, passei para a fileira seguinte e vesti o short e a camiseta de treino. Depois de amarrar os tênis, fui para a quadra. Aquele eco maravilhoso de bolas de basquete quicando me acalmou um pouco, mas, quando abri a porta, os sons cessaram.

Crianças...

Havia quatro ou cinco caras perto de cada uma das três cestas. Troy fez um arremesso para a da extrema direita, já com seu olhar furioso. Procurei Buck de novo – ele vivia com o Troy, sempre seguindo-o –, mas não estava ali. Imaginei se o garoto teria se machucado e, por mais cruel que isso possa parecer, esperei de verdade que fosse o caso.

Olhei os caras em volta da cesta do meio. Se aqueles rostos fossem janelas, todas estariam trancadas e com as cortinas baixadas. Na terceira, vi Brandon Foley, o pivô que era o outro capitão. Ele era o cara mais alto do time, com mais de 2 metros, e antes tinha sido o único a reconhecer minha existência. Quando fui em sua direção, Brandon me encarou e balançou ligeiramente a cabeça.

Fantástico.

Danem-se. Fui para uma cesta na extrema esquerda e fiquei arremessando sozinho. Meu rosto ardia. Deixei a ardência penetrar fundo. Era uma coisa boa. A ardência iria alimentar meu jogo e me fazer melhorar. A ardência tiraria da minha cabeça, pelo menos por alguns instantes, o fato de que eu ainda não sabia o que tinha acontecido com meu pai. A ardência me deixaria esquecer – não, não de verdade – que meu amigo Colherada estava no hospital e talvez nunca mais andasse, e era tudo culpa minha.

Talvez isso explicasse por que todos os meus potenciais colegas de time, até Brandon Foley, tivessem se virado contra mim. Talvez eles também me culpassem pelo que havia acontecido ao nerd que todos adoravam perseguir.

Não importava. Arremessar, pegar o rebote, arremessar. Olhar para o

aro, só para o aro; nunca olhar a bola em voo; sentir os sulcos nas pontas dos dedos. Arremessar, *xuá*, arremessar, *xuá*. Deixar o resto do mundo sumir por um tempo.

Você tem alguma coisa assim na vida? Algo que você pratica ou joga e que faz o mundo inteiro sumir, pelo menos por um tempo? O basquete era assim. Às vezes eu podia me concentrar tanto que todo o resto parava de existir. Existia a bola. Existia o aro. Mais nada.

– Ei, fera.

O som da voz de Troy me arrancou do estupor. Olhei em volta. A quadra estava vazia.

– Reunião de time para os que não são da elite – avisou Troy. – Sala 178. Depressa.

– Onde é isso?

Troy franziu a testa.

– Está falando sério?

– Sou novo na escola, lembra?

– Andar de baixo. Depois das portas de metal. Depressa. O treinador Grady odeia quando alguém se atrasa.

– Obrigado.

Larguei a bola e fui depressa pelo corredor. Enquanto descia a escada, um pequeno incômodo começou no fundo do meu cérebro. Imaginei por que o treinador Grady iria convocar uma reunião para tão longe do ginásio. Gostaria de ter parado e prestado atenção ao incômodo. Mas não tinha tempo. E o que eu iria fazer, afinal, subir de volta correndo e pedir ao meu camarada Troy mais detalhes sobre a reunião?

Por isso fui correndo. Não havia mais ninguém por ali. O eco dos meus tênis batendo no linóleo parecia alto como tiros.

Minha cabeça começou a rodar. Que lugar exatamente era aquele? O andar de baixo era para as turmas mais adiantadas. Eu nunca tinha ido até ali. Mas, se meu senso de direção estivesse correto, eu já me aproximava do local exato onde Colherada havia levado um tiro alguns dias antes.

Apressei o passo.

Sala 166. Depois 168. Eu estava chegando mais perto: 170, 172...

À frente, vi a porta dupla de metal que Troy tinha mencionado. Atravessei-a. Ela se fechou atrás de mim com um estrondo.

E me trancou do lado de fora.

Parei e fechei os olhos. Não existia sala 178. O treino provavelmente estava começando agora mesmo. Eu teria que dar a volta pelos fundos, passar pelo campo de futebol e ir até a entrada da frente para chegar ao ginásio.

Corri o mais depressa que pude, mas ainda assim levei quase dez minutos para retornar. Meus colegas já estavam no aquecimento com bola quando passei correndo pela porta. O técnico Grady não ficou satisfeito. Ele se virou e disse, ríspido:

– Você está atrasado, Bolitar.

– Não foi minha...

Mas me interrompi. O que exatamente eu iria dizer? Troy me olhou com aquele mesmo sorrisinho idiota. Ele sabia. Eu tinha duas opções. Uma: contar o que havia acontecido de verdade ao treinador, que poderia acreditar ou não, mas de qualquer modo eu seria rotulado como dedo-duro. Ou duas: ficar de boca fechada.

– Desculpe, treinador.

Mas Grady não tinha terminado:

– Chegar tarde ao treino é falta de respeito com seus colegas e treinadores.

Confirmei com a cabeça.

– Não vai acontecer de novo.

– Você ainda nem entrou para o time.

– Sim, senhor.

– E isso não vai beneficiar a sua causa.

– Entendo, senhor. Sinto muito, de verdade.

O técnico me encarou por um instante a mais do que o necessário.

– Dê três voltas na quadra e entre na fila. Troy?

– Sim, treinador?

– Cadê o Buck?

Eu diria que o Buck era mais perverso do que uma cobra, mas isso não seria gentil com a cobra.

– Não sei, treinador. Ele não atendeu o celular.

– Estranho. Ele nunca faltou ao treino. Certo, exercício, vamos lá.

O treino não melhorou muito. Sempre que estávamos trabalhando jogadas, os caras lançavam a bola nos meus pés, tornando quase impossível pegar. Quando acontecia uma disputa, eles nunca mandavam

a bola para mim, não importando o quanto eu estivesse livre. Claro, eu consegui alguns rebotes. Pontuei duas vezes com roubadas. Mas, se os seus colegas de time dão gelo em você, não há muito que se possa fazer.

E então, faltando só um minuto de treino, vi uma abertura gloriosa.

Eu estava cobrindo Brandon Foley, que pegou um rebote e fez um passe longo para Troy Taylor. Antes Troy tinha ficado só no garrafão para marcar pontos fáceis. Ele pegou a bola e diminuiu a velocidade dos quiques. Estava dando tempo, se preparando para saltar, ganhando pique para uma enterrada fenomenal.

Os outros caras ficaram para trás, esperando para ver se Troy iria fazer a jogada com uma ou duas mãos, se tentaria uma enterrada de costas ou algum truque mais difícil.

Eu não esperei.

Corri para a cesta com todo o gás. À minha frente, Troy pulou. Sua mão estava acima do aro, espalmado a bola. Faltava, talvez, meio segundo para a enterrada quando eu saltei por trás e dei um toco na bola.

– Que por...? – gritou Troy, surpreso.

Um toco limpíssimo.

– Falta! – gritou ele.

Não falei nada, só corri em direção à bola que quicava.

– Você fez falta!

Peguei a bola, que havia saído da quadra. A posse era do time dele. Meu pai tinha me ensinado que a gente deve deixar o jogo falar. Não grita com os juizes. Não fica de papo furado. Só joga.

Estendi a bola para Troy, que a arrancou das minhas mãos.

– Ele fez falta em mim! – berrou de novo.

– Leve a bola para fora, Troy – disse o treinador Grady. – Comece a jogada.

– Mas...

– É só um treino. Vamos. Faltam dez segundos.

Troy não ficou satisfeito, murmurando algo baixinho.

Ignorei aquilo e me preparei. Cobri Brandon de perto. Sabia que ele era a primeira opção junto ao garrafão. Troy iria querer jogar a bola para Brandon por cima da minha cabeça. Eu não iria deixar que isso acontecesse.

– Vamos lá! – gritou Troy, e todos os jogadores começaram a se mover.

Mantive um antebraço no Brandon, tentando perceber o momento em que ele saltaria. Eu estava de costas para a bola, os olhos no cara, vigiando com atenção.

O tempo passou.

Caso transcorressem cinco segundos, nós teríamos a bola. Lancei um olhar para ver o que Troy ia fazer.

Ele estava esperando que eu fizesse exatamente isso.

Quando vi o sorriso dele, soube que tinha cometido mais um erro. Troy estava esperando que a curiosidade me dominasse. Sem aviso e sem hesitar, ele jogou a bola direto na minha cara.

Não deu tempo para reagir. A bola bateu com força no meu nariz como um punho gigante. Cambaleei para trás. Vi estrelas. Meus olhos começaram a lacrimejar. Minha cabeça ficou entorpecida. Tentei me manter de pé, tentei não dar ao Troy a satisfação de cair, mas não consegui.

Tombei sobre um dos joelhos e segurei o nariz com as mãos em concha. Brandon pôs a mão no meu ombro.

– Você está legal?

O treinador apitou.

– Que droga foi essa?

– Ei, desculpe – disse Troy, todo gentil e inocente. – Eu estava tentando mandar a bola para o Brandon.

Afastei a mão de Brandon do meu ombro. A dor estava diminuindo. O nariz não estava quebrado. Levantei-me o mais depressa que pude. Minha cabeça girou, protestando, mas não recuei.

Pisquei para afastar as lágrimas e encarei Troy.

– De quem é a bola? – perguntei com a voz mais calma possível.

– Tem certeza de que você...? – começou Brandon.

– Você é que mandou para fora – respondeu Troy. – Ela acertou sua cara e saiu de quadra.

– Então a bola é sua. Vamos jogar.

Porém, nesse momento, Stashower, o técnico assistente, entrou correndo de volta no ginásio. Ele sussurrou alguma coisa no ouvido do treinador Grady, que empalideceu.

– Certo, isso é tudo, pessoal. O treino acabou. Deem uma corrida e vão para o chuveiro.

Fiz a corrida depressa e fui para minha fileira solitária de armários.

Peguei o celular e verifiquei as mensagens. Só um SMS – era de Ema: **vem aqui depois do treino? me diz a hora.**

Digitei rapidamente, informando que o treino tinha acabado naquele momento e que, sim, claro, eu iria.

Afinal de contas, precisávamos encontrar seu “namorado” sumido.

Ainda não tinha recebido notícias de Rachel. Eu não sabia o que fazer. Com certeza algum adulto “solícito” diria algo tipo “dê um tempo”, mas eu odiava esse conselho. Eu havia soltado a bomba. Tio Myron me alertara de que até mesmo a verdade mais desagradável era preferível à mais bela mentira. Eu segui esse conselho. Conteí a Rachel a desagradável verdade sobre a morte da mãe dela.

Agora, pelo jeito, ela não queria me ver de novo.

Pensei no Colherada naquela cama de hospital. Pensei nas cinzas na sepultura do meu pai. Pensei na minha mãe na clínica. Pensei no basquete, nos meus sonhos de enfim jogar num time de verdade e em como, agora que isso tinha acontecido, todos os meus colegas me odiavam.

Fiquei sentado perto do armário. O suor pingava. Dava para ouvir meus colegas fazendo piadas e desfrutando daquela amizade fácil, risonha, que eu jamais conheci de verdade. Emocionalmente exaurido, permaneci onde estava. Decidi que iria esperar. Deixaria o resto do time tomar banho e se vestir e, depois que todo mundo tivesse ido embora, iria me arrumar.

Não tinha forças para continuar olhando para eles naquele dia.

Troy estava no meio de alguma história demorada quando Stashower enfiou a cabeça pela porta.

– Troy? O técnico quer falar com você na sala dele.

– Só estou terminando uma piada...

– Agora, Troy.

Todo mundo soltou um “uuuu” amigável e zombeteiro enquanto Troy saía. Então, o resto dos garotos tomou banho e se vestiu. Eu fingi verificar mensagens importantes no meu iPhone. Dez minutos se passaram. As pessoas começaram a sair dando tapinhas nas costas uns dos outros, decidindo quem iria no carro de quem, marcando uma hora para se encontrarem no Heritage Diner e resolvendo em que casa ficariam.

Pensei que o time inteiro tinha saído, mas Brandon surgiu e se sentou no banco perto do meu armário.

– Treino brabo – comentou ele.

Dei de ombros.

– Tudo bem.

– Troy não é um cara ruim de verdade.

– É, ele é um verdadeiro príncipe.

Brandon sorriu. Eu sabia que ele era um dos caras mais populares da escola: presidente do conselho estudantil, do Key Club e da sede local da Sociedade Nacional de Honra e, como já falei, um dos capitães do time de basquete.

Você conhece o tipo. É um cara legal, mas quer que todo mundo goste dele.

– Você precisa entender a situação – prosseguiu Brandon.

– Aham.

– É meio incômodo. Você é o único do segundo ano.

Era muito mais do que meio incômodo, mas não vi grande sentido em continuar com a conversa.

– Mickey?

– O quê?

– Você sabe que esse time venceu o campeonato do condado no ano passado, não sabe?

– Sei.

– E que só faltou um jogo pra gente ganhar o estadual. Sabe quanto tempo faz que a Kasselton Hign não ganha o estadual?

Eu sabia. A grande vitória era lembrada em todas as paredes do ginásio na forma de flâmulas e camisetas de ex-alunos. Vinte e cinco anos atrás, tio Myron, o maior pontuador e roubador de rebotes de todos os tempos na escola, comandara os Camels de Kasselton no único título estadual. Um dos seus colegas – o *segundo* maior pontuador e *segundo* maior roubador de rebotes do time – era ninguém menos do que Edward Taylor, o pai de Troy. Agora ele era o xerife da cidade.

Inimizade passando de geração em geração.

– E daí? – perguntei.

– No ano passado, cinco caras do terceiro ano eram titulares do nosso time e todos nós estamos de volta. Jogamos juntos desde que éramos astros mirins no quinto ano. Troy, Buck, Alec, Damien e eu... nós crescemos juntos. Somos os cinco titulares desde os 11 anos. Isso pode não parecer grande coisa para você.

Mas era grande coisa. Eu nunca tive nada assim. Meus pais tinham vivido no exterior durante toda a minha vida. A gente pulava de um lugar para outro, de um país para outro, principalmente no Terceiro Mundo. A gente levava uma vida nômade, de mochileiros, montando barraca, vivendo em lugares pequenos. Eu não fazia ideia de como era ter amigos assim. Como disse antes, Ema e Colherada eram meus melhores amigos de todos os tempos e fazia poucas semanas que eu os conhecia.

– Logo, agora nós cinco estamos no último ano – continuou Brandon em sua voz calma, racional e madura. – Vai ser nosso último ano juntos. Vamos para a faculdade e nunca mais vamos ser do mesmo time de novo. Estamos esperando este momento praticamente a vida inteira. E agora, por sua causa, um de nós não vai mais ser titular.

– Você não sabe...

Brandon ergueu a mão.

– Por favor, Mickey, não vamos bancar os humildes. Você sabe que joga bem. Eu sei que você joga bem. Troy sempre foi nosso maior pontuador e melhor jogador. Daqui a pouco você é que vai ser. E ele também sabe disso. Você está nesta escola há poucas semanas. Nesse tempo, você tirou a namorada dele e logo vai ter o lugar dele no time.

Ele estava falando de Rachel. Eu quis corrigi-lo – não a tirara dele e ela não era minha namorada –, mas talvez fosse melhor só ficar quieto.

Brandon se levantou.

– Dê um tempo a ele para se acostumar com isso, certo?

– Eu não roubei a namorada dele.

Isso é que era ficar quieto.

– O quê?

– Rachel terminou com ele antes mesmo de eu chegar aqui.

– Esse não é o ponto.

– Claro que é. E não posso fazer nada se joga melhor do que ele.

– Eu não disse que você podia. Só estou falando o que está acontecendo.

– Não estou nem aí.

– O quê?

– Troy é um idiota. Você está tentando explicar o comportamento agressivo dele, não só comigo, mas com Ema e Colherada também. Ele pega no meu pé desde o primeiro dia, antes mesmo de me ver fazendo um arremesso, e jogou intencionalmente uma bola na minha cara. Por-

tanto, desculpe, Brandon, não estou com clima para ouvir alguém justificar o bullying dele.

– Não estou justificando.

Fiquei de pé.

– Está, sim. E você deixou aquilo acontecer. Você, o grande capitão e presidente de tudo nesta escola idiota, só ficou ali parado e deixou acontecer.

Brandon não pareceu gostar.

– Olha, Mickey, eu vim aqui ajudar você.

– Chegou meio tarde, Brandon. E, se sua ajuda é para justificar por que seu melhor amigo me odeia, eu estou bem, obrigado. É com ele que você deveria falar, e não comigo.

Brandon me olhou por mais alguns instantes. Senti vontade de retirar o que tinha dito. Ele havia estendido a mão em amizade e eu lhe dera um tapa. Mas eu também estava com raiva, cansado por causa do treino, da viagem, e simplesmente enjoado de toda a bosta que ficava se empilhando em cima de mim. Não queria ouvir falar nos problemas do Troy. Já tinha o suficiente sozinho.

Mesmo assim, acabei dizendo:

– Brandon, eu não quis...

– Vejo você por aí.

Ele se virou e saiu em silêncio.

Ótimo.

Na verdade, eu não tinha nada para dizer a ele, de qualquer modo. Enfim estava sozinho. Tirei a roupa e entrei no chuveiro. Você já esteve sozinho num vestiário? Todo som ecoa como se estivesse amplificado. Abri a água e entrei embaixo do jorro maravilhosamente forte. Levei bastante tempo, deixando a água bater nas costas e na cabeça, de olhos fechados, respirando fundo.

Calma, falei comigo mesmo.

Tinha acabado de sair do chuveiro quando ouvi a porta do vestiário se abrir violentamente. Espiei pela quina da parede.

Era o Troy.

Ele não me viu. Fiquei onde estava. Troy desmoronou no banco à frente do seu armário. Ele colocou as mãos no rosto. Ouvi um som, um som tipo...

Troy estava chorando!

Por um momento, pensei que o treinador Grady tivesse dado uma bronca nele por causa do comportamento de hoje. Quem sabe o técnico soubera que Troy havia me sacaneado me enviando àquela reunião falsa e jogando a bola na minha cara?

Mas logo eu iria saber que aquilo não tinha nada a ver comigo.

A porta do vestiário se abriu de novo. Era Stashower.

– Pegou suas coisas, Troy?

Troy fungou e enxugou as lágrimas do rosto com o antebraço.

– É mentira, o senhor sabe.

– Nós ouvimos você.

– Estão armando para cima de mim.

– De qualquer modo, vou ficar aqui enquanto você esvazia seu armário.

– Agora?

– Agora, Troy. Precisa tirar tudo.

Troy parecia a ponto de protestar, depois pensou melhor. Abriu o armário. Tirou a bolsa e enfiou tudo dentro, com raiva. Tudo. Tênis, roupas, dinheiro trocado. O xampu. A colônia (colônia?!). Até, argh, uma foto antiga grudada no lado de dentro da porta do armário: dele com o braço em volta de Rachel, que estava com um uniforme de animadora de torcida.

Que droga estava acontecendo?

– Vou acompanhar você – disse o treinador assistente com voz firme.

– Não precisa – replicou Troy. Em seguida, foi intempestivamente para a porta e a escancarou. – É mentira. Tudo isso.

Então Troy foi embora.

## capítulo 7

**EU DEVERIA FICAR EMPOLGADO.** Pelo jeito, meu grande inimigo estava fora do time. Mas, em vez disso, me senti confuso e meio perdido. Mas,

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)